

ENSINO

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: FORMAÇÃO DO SER DOCENTE EM PROFISSIONAIS FORMADOS EM OUTRAS ÁREAS

Data de aceite: 01/09/2023

João Paulo de Sena Brito

Discente do Curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM/UECE

Marly Medeiro de Miranda

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Docente do Curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM/UECE.

Marcos Adriano Barbosa de Novaes

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE), Mestre em Educação e Ensino (MAIE/UECE).

Maria Leudysvania de Sousa Lima Gadelha

Pedagoga, Mestre Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE).

Ruth Maria de Paula Gonçalves

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE-UECE.

1 | INTRODUÇÃO

É bastante interessante notarmos que, quando se fala sobre escolha profissional, daquilo que se almeja ser profissionalmente, nos vem a ideia de vocação, concepção herdada da visão cristã em nossa sociedade. A palavra vocação deriva do latim *vocare* que significa chamado, escolha, sendo assim a inclinação para uma determinada profissão teria como base esse chamado “interior”, algo que ultrapassaria a noção de opção, já que seria algo pré-determinado e nossa única opção seria seguir.

Tal ideia também se faz bastante presente quando se busca refletir sobre as motivações da escolha da carreira docente, onde a conotação de vocação, de sacerdócio, ainda é encontrada, o que reflete numa visão de profissão “sem interesses materiais, como a remuneração digna, carga horária, condições de trabalho, formação” (ALVES, 2006, p. 9), ressaltando, como diz Freire, “a vocação como força misteriosa que explica a quase

devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. (...) mas cumpre, como pode, o seu dever” (1996, p. 161). Gonçalves (1999), em caminho diverso, aponta a vocação não como algo subjetivo, mas sim dependente da construção de um imaginário pessoal e social sobre docência, onde, dessa forma, a escolha por ser professor seria algo construído no percurso de vida.

Isso se torna mais acentuado, quando analisamos a docência no ensino superior, onde os profissionais do ensino nesse espaço, já contam com um tempo formativo maior, passaram pela experiência de escolher uma área de estudo para se profissionalizarem, sendo que em algumas situações esta escolha inicial não abarcava o ensino. Nos deparamos assim com casos onde a indagação pelo motivo de querer ser professor reaparece, já que nessas situações onde a formação inicial dos docentes universitários é feita em bacharelado, e não em uma licenciatura, suas preparações foram baseadas nos saberes da pesquisa e não nos saberes próprios da docência (CARREÑO et al., 2010).

Nesse sentido, para Vaz Filho a “docência na Educação Superior é uma escolha que articula diferentes possibilidades, porém, que exige a busca pela formação pedagógica, que é a base de conhecimentos fundamentados na relação teórica e prática sobre a da profissão docente.” (2019, p. 5-6).

À vista disso, conseguimos perceber a constância e a necessidade do debate do que tange a escolha pela docência, aqui ressaltando especificamente à docência no Ensino Superior, almejando trazer uma reflexão sobre quais as motivações que fazem parte desta decisão, como se constrói essa ideia pessoal do “eu professor”. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo buscar identificar e entender as motivações da escolha da carreira docente por professores cuja área de formação inicial estava fora do campo educacional. Para isso, foi conduzida uma pesquisa com 3 docentes da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos FAFIDAM/UECE, onde a partir da narração de suas histórias de vida e formação, procurou-se refletir sobre como a decisão de atuar nessa área profissional está diretamente ligada às suas trajetórias pessoais.

Assim, procuramos analisar o “ser” e “vir a ser” docente, numa constante produção de si mesmo, onde o sujeito, a partir de suas atividades particulares, apropriação de conhecimentos e saberes, percursos e caminhos que lhe são pessoais e redes de relações tecidas em diversos contextos, vai se constituindo professor (ISAIA, 2005). A partir disso, ambicionamos que esse trabalho busque dar uma contribuição para a discussão sobre a formação da professoralidade, do ser professor e de como tal identidade é construída a partir de um processo que envolve suas motivações pessoais e o contexto em que se encontra inserido, algo interior e exterior, onde cada pessoal constrói à sua maneira o ser docente.

METODOLOGIA

Para embasamento teórico desse trabalho, foi utilizada revisão bibliográfica de alguns teóricos e autores como Isaia (2005), Silva et al. (2007), Josso (2004), Carreño (2010), Larrosa (2002), entre outros, onde a podemos classificar como de cunho qualitativo, já que “responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.” (MINAYO, 1994, p. 57).

Ademais, essa pesquisa foi realizada com 3 docentes da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM, selecionados pelo critério de terem sua formação inicial (graduação), em um curso de bacharelado, cuja profissão estivesse fora da área de ensino. Os docentes selecionados para a pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde declaram sua aceitação em colaborar com essa pesquisa. Nesse sentido, temos que

O processo de consentimento livre e esclarecido tem por objetivo permitir que a pessoa que está sendo convidada a participar de um projeto de pesquisa compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, visando permitir uma decisão autônoma. A obtenção de consentimento livre e esclarecido é um dever moral do pesquisador, é a manifestação do respeito às pessoas envolvidas no projeto. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido documenta a autorização do sujeito da pesquisa e permite que as informações básicas possam ser mantidas para leitura posterior. (GOLDIM et al., 2003, p. 372).

Nesse termo, se constava a informação de que, para obtenção dos dados necessários, seriam realizadas entrevistas narrativas com cada participante, onde tais entrevistas teriam seus áudios gravados para posterior transcrição e análise. A escolha desse tipo de entrevista não se deu por acaso, mas sim porque foi visto que essa modalidade conseguiria dar uma liberdade maior para que os entrevistados pudessem expor suas vivências e trajetórias, elementos-chave para esse trabalho. Sobre essa abordagem, Bauer e Gaskell nos dizem:

Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido de tríplice: a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenamento as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem. (2008, p. 95)

No que se refere ao seu esquema de narração, eles continuam:

O esquema de narração substitui o esquema pergunta-resposta que define a maioria das situações de entrevista. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos. (Idem, p. 95-96)

Dessa forma, a entrevista foi organizada para que seu caráter livre, sem esquemas fechados em perguntas já pré-concebidas, fosse acentuado, onde mesmo havendo algum questionamento aos entrevistados, foram para maiores esclarecimentos de alguma informação que eles prestaram, ou maior aprofundamento em alguma questão tocada. Assim, a entrevista partiu de uma provocação a respeito do tema “Escolha da docência por professores universitários com área de formação inicial fora do campo educacional”, onde os docentes foram estimulados a desenvolverem suas falas a partir da narrativa de suas próprias histórias, vivências, opiniões e experiências, sem de nenhuma forma serem constrangidos.

É nesse sentido que optamos por trabalhar utilizando a metodologia de História de Vida, método de pesquisa no qual “o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta.” (NOGUEIRA et al., 2017, p. 468). Com isso, queríamos que as histórias contadas fossem a base para construção desse trabalho, reconhecendo que aqueles que participaram como entrevistados não eram meros objetos que nos deram informações, mas também co-autores, participantes ativos e produtores de conhecimento (NOGUEIRA et al., 2017). Suas histórias não são meros relatos do passado, de tempos que já se foram, mas um chão a ser tocado com pés descalços, terra fecunda capaz de produzir frutos de novas reflexões e interpretações tanto de quem fala, quanto de quem escuta. Como bem nos diz Bosi, a história narrada “não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” (2003, p. 69).

Assim, tais relatos foram posteriormente analisados, interseccionados entre si e com trabalhos de alguns teóricos e autores versados nessa temática, no intuito de, a partir dessas narrativas, tentar compreender como que a escolha da carreira docente pode ser construída, já que a História de Vida “revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano.” (SILVA; et al., p. 34).

A análise desses relatos também permitiu identificar alguns fatores que parecem ser comuns na construção da escolha pela carreira docente. Dentre eles, destacam-se a influência de professores e educadores que marcaram positivamente a vida desses sujeitos, a busca por uma profissão que permitisse ajudar a sociedade e a possibilidade de transmitir conhecimentos e valores. Além disso, muitos dos entrevistados destacaram a importância de uma formação inicial sólida e de oportunidades de formação continuada ao longo da carreira docente. Esses resultados apontam para a complexidade do processo de escolha pela carreira docente e para a necessidade de investimentos e políticas que valorizem e fortaleçam essa profissão tão importante para a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as entrevistas ocorrerem, os áudios gravados foram transcritos e aqui analisaremos os relatos para buscar identificar os fatores e motivações da escolha da carreira docente por parte desses professores. Usualmente, para manter o sigilo sobre as identidades dos entrevistados, costuma-se nomeá-los como “Professor 1,2 e 3”, “Entrevistado 1,2 e 3”, ou qualquer outra forma que impeça o reconhecimento dos participantes.

Em nosso estudo utilizamos algo diverso, partindo do fato de que para a execução das entrevistas foi necessário um certo vínculo de confiança, de humano para humano, já que como Ferraroti (1990) destaca, “não contamos nossa vida a um gravador e sim a uma outra consciência” (p. 81). Isso implica no fato de que a relação entrevistador-entrevistado é passada e rodeada de subjetividade, assim sendo acreditamos que tal subjetividade, tal vida, estaria sendo desvalorizada se simplesmente taxássemos as pessoas envolvidas nessa pesquisa como “indivíduos numerados”, mesmo com a justificativa da preservação de sigilo. Para resolver essa questão, decidimos escolher 3 termos da língua yorubá¹ que conseguem de alguma forma contemplar um pouco daquilo que essas pessoas são. Não abarcam toda sua singularidade, mas permitem que sejam representados mais humanamente, desta forma, os chamaremos respectivamente, pelos nomes de *Jálumi*, que significa “mergulhar na água”, *Áfokànsè* que significa “pessoa atenta ao que faz” e *Gbónjù* que significa “pessoa sábia que tem sensibilidade” (BENISTE, 2011).

Assim, procuramos expor os relatos das trajetórias de vida e formação de cada um e posteriormente, propor uma reflexão a respeito:

A primeira pessoa entrevistada, Jálumi, conta inicialmente que esse método de entrevista para ela “tem a característica de mexer mesmo com a nossa história, nossa vida, nossos guardados”. Ao ir contando sua vivência, ela diz que começou a ser professora aos 5 anos quando sua irmã nasceu, já que sua mãe, para cuidar desta filha mais nova, pediu a sua irmã professora que levasse Jálumi para a escola, numa instituição da comunidade. Continuando, ela conta admirar essa tia professora, e que esse período que ia com ela para escola, período bem recordado, era como uma festa, onde na sala ajudava sua tia, imitando-a, brincando de ser professora e mesmo não sabendo no início ler, ficava olhando as ilustrações do livro.

Ela conta no momento da entrevista que conseguia até rememorar a imagem dela indo para escola segurando na mão da tia, com a lancheira e o caderno. Após esse período, quando foi para a escola exclusivamente como aluna, foi para a etapa de Alfabetização, mas nesse momento já se encontrava alfabetizada, fato que ocorreu durante o período

¹ A língua Yorubá é um idioma africano falado principalmente pelos povos Yorubá, que são originários de países como Nigéria, Benin e Togo. É uma das línguas africanas mais estudadas e faladas no mundo. Com a chegada dos europeus e a colonização da África, a língua Yorubá foi difundida em outros países, e atualmente é falada em diferentes partes do mundo, principalmente em comunidades da diáspora africana, como no Brasil e em Trinidad e Tobago.

que ajudava sua tia, sendo assim um momento lembrado de bastante alegria, já que ela era uma ótima aluna sempre elogiada. Na etapa do 1º ano ela já não queria mais estudar, pois achava o ensino muito chato, a professora falava sempre as mesmas coisas que ela já sabia. Após uma avaliação da escola ela então é encaminhada para a série seguinte, onde conheceu uma professora, que se tornou uma grande referência do ser professor para ela, onde até hoje lhe chama com nome carinhoso de “tia”. Assim, ela vai contando que esses anos iniciais na escola foram marcados por muita afetividade, gostava de estudar, era apaixonada por leitura, onde em sua casa era muito incentivada a ler pela mãe, que sempre comprava livros para ela, admirava seus professores, coisas que em suas palavras “colaram” nela, ajudaram a modelar sua personalidade.

Em sua adolescência ela conta que “foi muito conturbada, eu era muito desligada” e não ajudava o fato da escola não contribuir na preparação da escolha de uma profissão e sim só para terminar os estudos. Mas na época do vestibular, motivada por familiares que tinham contato com o ambiente acadêmico, ela começa a cursar Licenciatura em Música (já que tinha feito curso de violão) e Bacharelado em Psicologia (motivada por uma amiga). Sobre esse momento ela afirma que:

Eu não sabia o que queria, mas vendo o objetivo da entrevista, eu fico pensando: eu tinha uma relação muito forte com essa coisa do ser professor, do estudar. Hoje eu digo que para mim ser professora, o meu trabalho é uma das coisas que mais gosto de fazer, o meu trabalho é estudar, dar aula é o momento onde o estudar está em ebulição, mas naquele momento eu não sabia que queria ser professora.

Até um certo período conseguiu conciliar os dois cursos, mas em determinado momento optou e concluiu o bacharelado em Psicologia, curso pelo qual já tinha se encantado. Quando se graduou, achava que trabalharia na clínica, mas ainda se encontrava desorientada, até que uma professora sugeriu que ela fizesse um mestrado, que abriria a possibilidade para a docência, mesmo ela na época não atrelando uma coisa à outra, pois queria um mestrado em psicologia, o que não pode fazer, visto que só havia mestrado em educação. Após um tempo de estudo, fez a seleção e passou para o mestrado, ficou trabalhando numa creche-escola até o momento que começou a receber a bolsa, o que a fez ficar concentrada apenas nos estudos.

Terminando o mestrado, momento que “já entendia, já estava mais centrada”, então já tinha mais clareza daquilo que pretendia fazer profissionalmente, então começou a atuar na clínica, pois precisava trabalhar. Continuou atendendo exclusivamente no consultório até o momento em que motivada por uma amiga, foi ser professora universitária em uma faculdade particular, o que a fez ter que ir conciliando as duas atuações: clínica e docência. Uma grande alegria que teve como professora nessa instituição, foi ter como colegas de profissão professores que eram suas referências e até alguns que foram professores dela em seu tempo de aluna universitária. Assim, enquanto ia atuando nessas duas áreas, e

pensando em concursos que poderiam aparecer, foi fazer doutorado (após três seleções), onde após concluir ficou aguardando tais concursos, onde diz que “mesmo não fazendo a carreira docente na universidade pública, eu tinha o sonho de ser professora da universidade pública”, como eram os seus professores de referência.

Em 2012 surgiu a oportunidade de tentar concurso público em três universidades, onde veio a ser aprovada para a FAFIDAM, momento que saiu da clínica e se dedicou à docência. Em seu relato então reflete que sua escolha pela docência foi uma consequência pelo gosto em estudar, já que para ela fazer pesquisa, extensão e dar aula está atrelado ao estudo. Também fala que a partir de sua história de vida, os professores que teve contribuíram muito em sua escolha pela docência, e emocionada fala que “você não ensina conteúdo, você ensina você mesmo, sua vida é referência, pois ser professor é para mim aquela pessoa que acende uma luz.”. Finalizando, ela retoma mais uma vez o gosto pelos estudos, pela leitura como um grande fator de motivação em sua caminhada, onde estudar dentro da profissão docente “é o legal, é o gostoso”.

Àfokânse começou seu relato falando um pouco sobre suas formações acadêmica e não acadêmicas, onde tem bacharelado em Desenho Industrial, graduação em Pedagogia, Mestrado em Psicologia com ênfase em interfaces gráficas, especialização em Educação a Distância e Doutorado em Educação, onde nesse doutorado procurou se investigar enquanto pesquisadora e professora no desafio de investigar suas matrizes pedagógicas.

Após essa apresentação inicial, conta que sempre teve uma dificuldade em falar em público e nunca se imaginou professora, lembrando que no momento em sua vida que foi escolher o curso de graduação, a área de licenciatura nunca lhe interessou. Mas, quando estava cursando o mestrado, durante os estágios em docência, se deparou com o “desafio de ser professora” considerando a experiência como “a pior coisa da minha vida, sofri que só”. Nisso ela reflete que durante o mestrado não se fazia uma reflexão sobre o que era a docência, apenas assumiam esse papel porque era algo obrigatório, tinham que ser professores que reproduziam os modelos de docência que tinham tido, aquele professor que só transmite conteúdo e passava prova para avaliar. Àfokânse diz então que esse modelo não fazia sentido para ela, mas não sabia ser diferente ou até mesmo se podia ser diferente, já que o modelo de professor que ela tinha era o tradicional, o que a fez sofrer muito na docência durante o estágio.

Após o mestrado, ela resolve fazer uma especialização em EaD, área que teve contato no mestrado e que lhe interessou, recebe uma proposta de ser professora a distância em um curso, ficando com as disciplinas relacionadas a essa temática, e também para ser professora em um curso de matemática presencial, nas temáticas de tecnologias e Educação a Distância. Especificamente nessa docência na EaD ela percebeu que a “coisa” poderia ser diferente, gostou da experiência, diferente dos estágios que teve, onde desta vez se sentiu bem sendo professora. Nessa época começou a fazer parte de um grupo de pesquisa de uma professora, estudando sobre Complexidade, Transdisciplinaridade,

tópicos que fizeram sentido para ela já que “inclui a história de vida, nos inclui”.

É com esse sentimento que ela vai cursar um doutorado, inquieta para investigar suas matrizes pedagógicas e buscando “ser outro tipo de docente, que faça sentido com aquilo que eu acredito”. Junto a isso também teve que fazer uma transição profissional, saindo da área do bacharelado, e viu que gostava do contexto da universidade, da pesquisa, se sentir criando, coisa que não sentiu trabalhando numa editora de livros que via “sempre o mais do mesmo”. Assim, se vê na universidade, que em suas palavras é o “lugar onde quero estar, onde quero de fato desenvolver meu trabalho, minhas pesquisas, onde tenho contato com gente, adoro participar de evento, me sentir aprendendo”, não queria um ambiente de escritório, bater ponto. Nesse sentido, buscou ir tomando os caminhos que lhe conduzissem a ser professora universitária, que enxerga como “aquilo que fazia sentido para mim”, já que apesar da dificuldade de falar em público, que vai diminuindo, gostar de “estar em contato com os alunos e poder experimentar outras metodologias, além da aula expositiva, como os projetos de aprendizagem, a extensão e a pesquisa como princípio educativo”. Falando sobre a experiência no doutorado, ela diz que a participação em um projeto de extensão com uma amiga professora, a fez perceber a docência como algo que podia ser diferente, não era algo imutável, que podia trazer o corpo e o ser humano inteiro para dentro da educação, podendo assim ressignificar o que é ser docente, a partir da “expressão genuína do meu ser”. Finalizando, emocionada, ela fala que refletindo sobre sua história de vida e formação, ela vislumbra a possibilidade de uma docência expressada a partir de,

suas experiências, de poder trazer outros estudos que não sejam só relacionados a área de tecnologias, mas eu posso trazer meu ser, meu corpo, meu movimento, e como professora que forma professores, de criar tempos e espaços para que os estudantes possam se expressar, trazer suas perguntas, tirar suas dúvidas e colocarem a sua palavra, seus estudos, sua história, sua experiência, eu acredito muito nisso, o sujeito dentro do processo de conhecer com toda sua inteireza, histórias, demandas e necessidades.

Para ela é vital estar presente, inteira, confiando na palavra encarnada em nós, repleta de emoção, de experiência, numa expressão genuína.

Gbónjù iniciou seu relato situando o momento em que começou a cursar o bacharelado em Ciências Biológicas, onde durante sua formação a sua intenção era posteriormente cursar um mestrado e continuar na área da pesquisa. Mas, no final do bacharelado, ele participou de um curso de extensão chamado “Formação de Professores das séries iniciais”, e durante a formação percebeu que se identificou bastante com a área de formação de professores. Assim, com esse interesse despertado, alguns professores o avisam sobre a importância de cursar uma licenciatura, já que estava terminando sua graduação. Então, concluiu seu curso e iniciou uma formação também em Ciências Biológicas, mas dessa vez como licenciatura, conseguiu uma bolsa de aperfeiçoamento pela CAPES, e durante esse período começou a se preparar para o mestrado. Após, ele

conta que ingressou no Mestrado de Desenvolvimento em Meio Ambiente, onde durante esse período concluiu a licenciatura e já começou a fazer concursos para a área de ensino. No final do mestrado começa a docência no ensino básico, com turmas das séries finais, trabalhando em dois municípios. Ao terminar o mestrado, surgiu a oportunidade de prestar concurso para professor substituto numa Instituto Federal, momento que ao ser aprovado, fica conciliando à docência no Ensino Médio no instituto e nas séries finais na escola de uma das cidades. A partir disso, Gbónjù conta que começou a vislumbrar a sua trajetória e percebeu ter condições de tentar algo melhor, já que estavam surgindo concursos para universidades estaduais. Prestou concurso então para três universidades, sendo aprovado na UECE e na UEPB, sendo que nesse período ainda trabalhava nas duas instituições, “em uma correria total”, havia casado, tinha uma filha e buscava melhores condições de vida e trabalho. Como a UECE foi a primeira a convocar, ele logo veio assumir em 2003 sua vaga, onde aqui reflete que a “pós-graduação abre novos horizontes, novas portas” para os professores. Continuando, também afirma que, como a área em que iria lecionar na universidade era o Ensino de Ciências, a prática de ensino, acredita que suas experiências anteriores como professor na Educação Básica o ajudaram bastante a acompanhar seus alunos em seus estágios, pois percebe a grande dificuldade em encaminhar e acompanhar esses alunos nas escolas.

No momento em que busca mais uma vez falar sobre sua formação inicial na graduação, Gbónjù fala que até ter tido contato com o referido curso de extensão, não havia em nenhum momento cogitado a ideia de escolher a docência, o magistério como carreira, estava focando em permanecer na pesquisa, fazer concursos para instituições ambientais. Depois do curso de extensão é que ele começou a se envolver em outros projetos motivados por alguns amigos professores, que foram o despertando para a área de ensino. Em sua reflexão sobre o ser professor, ele acrescenta que é

no decorrer da formação que vai se percebendo que há condições, pois, a profissão ela é treinada, exercida, não existe essa questão de ter vocação, pode ter aptidões, mas toda profissão tem que ser treinada, com muita luta e aprofundamento, envolvendo teoria e prática para o profissional adquirir sua identidade

Outro ponto colocado por ele é que algo que facilitou sair da pesquisa e ir para o ensino, foram os estímulos de seus professores que a motivava sempre, onde percebeu esses estímulos como “um delineador do saber docente, que aquele ali era o caminho”. Por fim, entende e coloca que suas primeiras experiências na docência foram altamente construtivas, pois entende que a formação é “lapidada no chão da escola, ou seja, a gente vai aprender o significado e essa construção da identidade docente no dia a dia da sala de aula”.

Por fim, conta que começou a se perceber professor no cotidiano das escolas onde lecionava, quando “caiu a ficha sobre o que era a profissão docente”, vivenciando os

planejamentos individuais e com colegas, a dinâmica, o metabolismo da escola, sendo que foi nesses momentos que percebeu que estava fazendo parte da formação que acontece no dia a dia, convivendo e contornando as dificuldades de maneira coletiva. Foi aí que viu a importância da formação docente, e quis que essa formação se consolidasse na em sua caminhada, pois acreditava que quando se abraça essa profissão, se percebe que ela é tão desvalorizada pela sociedade, mas é dela que se tira o sustento e que em seu exercício que nos vemos nos rostos, nos olhares dos alunos, aquele crescimento gradativo, se tornando um cidadão crítico, nos fazendo se apaixonar pela docência.

Escolha da docência dentro das histórias de vida: possíveis intersecções

Nessa seção em específico, eu João Paulo de Sena Brito, resolvi fazer uso da primeira pessoa para trazer minhas considerações enquanto autor, a respeito daquilo que entrei em contato durante essa pesquisa que busquei entrecruzar com os referenciais teóricos utilizados. Tal decisão não vem por acaso ou seria fruto de manifestação de um “ego”, mas concordando com Scherre (2015), percebo que “ao dialogar com os saberes teóricos dos outros autores” devo também “falar, escrever, reflexionar desde mim, desde minha essência, desde minha vida, desde minhas experiências, utilizando-me da narrativa e da primeira pessoa para me expressar e construir.” (SCHERRE, 2015, p. 14).

Optando por tal forma, entendo que tal escolha é deixar de lado por um momento a tradicional linguagem acadêmica, onde “funciona uma espécie de linguagem de ninguém, uma língua neutra e neutralizada, da qual apagou-se qualquer marca subjetiva.” (LARROSA, 2006, p. 47), permitindo que um “eu” pessoal, subjetivo, possa se manifestar e falar, se fazer presente de maneira viva. Com isso também trago minha experiência nessa pesquisa, a visão “do lado de cá”, não ambicionando de maneira nenhuma que ela abarque o todo, a verdade, mas seja uma mais uma das vozes presente nessa discussão. Experiência aqui é entendida a partir de Larrosa, que a define como que me toca de maneira muito pessoal, é única, individual, a forma como aqui escrevo seria essencialmente diferente se outra pessoa escrevesse, não seria melhor ou pior, mas diferente. Aqui quero fazer eco ao que Scherre (2015) diz ao citar Larrosa (2006)² sobre dar voz e lugar a essas experiências singulares:

Para ele, a linguagem da experiência “elabora a reflexão de cada um sobre si mesmo desde o ponto de vista da paixão [...]. A paixão é sempre do singular, porque ela mesma não é outra coisa do que a afeição pelo singular. Na experiência, então, o real se apresenta para nós em sua singularidade”. Comenta que, sendo assim, a experiência nos singulariza, pois nela também somos singulares e únicos. Por fim, me convida a conversar, a desenvolver essa língua em que “falar e escutar, ler e escrever, seja uma experiência.

2 Entendo que a utilização de *apud* deve ser evitada nos textos acadêmicos caso seja possível obter a fonte na obra original. Aqui decidi pela utilização ao perceber que, no texto original de Scherre (2015), ela e Larrosa (2006) conversam de maneira tão “íntima”, profunda e certa forma “conjunta”, que, para mim, seria injusto separá-los para uma melhor adequação acadêmica desse texto.

Singular e singularizadora, plural e pluralizadora, ativa, mas também passional, na qual algo nos passe, incerta [...]”. (LARROSA, 2006, p. 53 *apud* SCHERRE, 2015, p.155)

Não posso negar o desafio que foi entrar em contato com essas vidas, com essas histórias, trajetórias alheias que me senti convidado para acompanhar, corpos tornados palavras, onde essas palavras “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação.” (LARROSA, 2002, p. 21). Experiências vividas, relatadas, ressignificadas, que vieram à tona, pularam da memória e se fazem presente para serem refletidas, onde, nas palavras de Josso (2004) “a reflexão sobre as próprias experiências é, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, suas qualidades pessoais e socioculturais, viabilizando a construção de um projeto de si auto-orientado.” (2004, p. 49).

A cada nova história, me sentia desafiado a encontrar uma forma de me conectar com a experiência do outro, a respeitando como elas eram e procurando não as julgar ou compará-las, onde ao final de cada conversa, eu trazia em mim uma sensação de realização, de ter aprendido algo novo sobre o outro e até sobre mim mesmo. Cada história escutada me aproximava cada vez mais da beleza da diversidade humana, contemplada em cada vivência única e particular, em cada experiência, em cada beco que cada vida fez questão de atravessar. Aqui gostaria de colocar as palavras de Evaristo (2016), que vejo que muito me representam na produção desse trabalho: “Das histórias, eu não sei dizer qual é mais. Como uma laboriosa aranha, tento tecer essa diversidade de fios. Não, meu labor é menor, os fios já me foram dados, me falta somente entretecê-los, cruzá-los e assim chegar à teia final. (EVARISTO, 2016, p. 101)

O ponto então que quero destacar aqui e envolve essas trajetórias, é sobre como a escolha da docência foi nascendo, surgindo na vida dessas pessoas. Percebi que em cada um foi de uma forma tremendamente diferente, enquanto uma pessoa teve um contato mais cedo e prazeroso com a docência, outra em seu primeiro contato não gostou em nada e outra nunca tinha nem pensando nisso. Aqui não dá para elencar um certo ou errado, qual trajetória é a correta para alguém que queira ser docente, qual comportamento seria o esperado, mas entender que os docentes estão dotados de experiências, caminhos trilhados, escolhas feitas, particularidades e singularidades altamente pessoais e subjetivas. Nesse sentido temos que

O encaminhamento profissional está diretamente ligado à trajetória de cada sujeito. De uma maneira geral, os professores carregam consigo recordações e experiências individuais que acabam por singularizar a vida de cada pessoa, tornando-os únicos e refletindo em suas práticas. (CARREÑO et al., 2010, p. 1)

Assim, ao entender que cada docente tem seu trajeto próprio e vai trilhando a partir se suas aspirações, escolhas, motivações, quero dizer que tudo isso é constitutivo do ser

docente. O professor não é criado a partir do momento em que recebe um diploma ou termina um curso, como se só isso o constituísse nessa profissão, mas é uma professoralidade repleta de subjetividades, de sentimentos, afetos, desafetos, gostos e desgostos, de uma humanidade viva. O professor não é alguém de outro planeta, ou um ser criado em laboratório a partir das características que desejamos, mas uma pessoa de carne, osso, alma e espírito, que vai se fazendo a partir dos seus passos, escreve sua história como quem vai tecendo um bordado.

Quem se atreve a dizer qual a cor certa para o bordado? Quem pode determinar quais cores de linhas podem ser misturadas ou não? O território das escolhas e motivações da docência é local por muito tempo latifundiado, justamente por que nos pintam um perfil de professor que não existe. Acredito então que seja necessário “assentar um acampamento” de resistência nesse território, e antes de fazer a imagem do que o professor deve ser, como essa professoralidade deve ser construída, por que não rasgar a pintura e colocar um espelho no lugar? Dessa forma, poderíamos convidar cada professor a se olhar e perceber como a partir dos seus traços essas escolhas foram se dando, essa profissão se construindo e esse ser se constituindo docente. Nesse sentido temos que

o professor quando inicia a sua carreira, não a inicia no vazio, mas traz à tona sua história de vida, experiências, sua socialização em todos os níveis, ou seja, no ambiente familiar, escolar, dentre outros, que foram se acumulando com o tempo de estudante, no momento que apreciou ou rejeitou alguns de seus professores. (CARREÑO et al., 2010, p. 1)

Penso então que a grande colaboração que esses docentes co-autores podem nos dar é, além de nos inspirar, perceber que o “bonito da coisa” é trilhar seu caminho do seu jeito, a partir da sua inteireza, colocando a si mesmo dentro daquilo que entende que é a trajetória docente. E essa trajetória é trilhada a partir de muitos fatores, de muitas motivações, que estão presentes na vida de cada um, um processo sempre em constante mudança, transformação e movimentos, entendendo que segundo Marques (2006, p. 43) “o homem não é, por natureza, o que é ou deseja ser; por isso necessita, ele mesmo, formar-se, segundo as exigências do seu ser e do seu tempo”.

Nos relatos isso se torna bastante percebido, já que em determinados momentos de suas vidas, tiveram que fazer escolhas e essas escolhas não foram por acaso, mas sim de acordo com suas realidades, frente ao que buscavam e ansiavam, sendo então um movimento de “transformação do sujeito em direção ao que deseja vir a ser, evidenciando a estreita relação entre suas potencialidades e as condições contextuais nos quais esta transformação acontece”. (BOLZAN; POWACZUK, 2017, p. 163). Se faz necessário, então, mergulhar dentro dessas vivências, dessas histórias para dela aprender, não a “fórmula mágica” do ser professor, mas sim como o sujeito, a partir de si e do seu meio, de suas relações, sentimentos, se constitui professor, entender que essas vidas não podem ser colocadas a parte, como se não importassem ou influenciassem.

Ir ao encontro dessas histórias é primordial, pois como afirma Tardif: “um professor tem uma história de vida, é um ator social, têm emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo umas culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem.” (2022, p. 265). A docência e as trilhas que nos levam a ela não são “neutras”, “sem cor”, impessoais, e nem assim poderiam ser, mas são repletas de vida, de significações dadas por cada um que se aventura nesse caminho, onde “cada docente produz sua maneira de ser professor.” (BOLZAN; POWACZUK, 2017, p. 166).

Mas, e aqui relembro os relatos de nossos co-autores entrevistados, por mais pessoal e particular que seja essa construção, de maneira nenhuma ela é solitária. Nas entrevistas um elemento muito comum que apareceu foi a presença de outros docentes, que de alguma forma conseguiram indicar um trajeto a ser seguido. Seja como um modelo “silencioso”, como alguém mostrando como a docência pode ser diferente, alguém indicando a possibilidade da carreira docente, nos relatos percebemos a grande importância que um professor consegue ter. No decorrer dos processos formativos, tendo contato com as figuras de vários professores dos mais variados possíveis, de certa forma eles podem se tornar referência daquilo que almejamos ser, ou em sentido inverso, modelos que procuraremos nunca imitar. Aqui relembro uma fala de um dos docentes entrevistados, que disse; “Você não ensina conteúdo, você ensina você mesmo, sua vida é referência, pois ser professor é para mim aquela pessoa que acende uma luz.”. Dessa forma, entendo e acredito que, essa luz acesa pode muito bem ajudar a iluminar os caminhos de tantos que estão dando seus passos em direção da profissão docente, que buscam essa construção autoral de si, a partir de si, do seu meio, de suas relações, construção pessoal e coletiva, já que o docente não se basta, não é para ele mesmo, pelo contrário, é feito para continuar essa iluminação de caminhos alheios e diversos.

CONCLUSÕES NÃO CONCLUSIVAS

A partir daquilo que nesse trabalho foi exposto, se consegue perceber a importância das perspectivas pessoais e vivências quando falamos sobre a escolha da carreira docente. Tais vivências aqui relatadas conseguem mostrar que, o professor consegue ter realidades bem maiores para além da sala de aula, ele tem uma história que vai se escrevendo e aquilo que experimenta vai guiando seu caminho. O processo de construção de sua identidade é então, algo perpassado por inúmeros fatores que vão modelando, construindo esse ser docente ao longo do tempo e que está constantemente se relacionando com o meio que se encontra inserido.

Essa “modelagem” que a docência vai tendo, é fruto de várias mãos (inclusive a própria mão do sujeito), de variadas situações e das formas como essas situações vão sendo interpretadas e significadas, revelando como a sua face é tão multifacetada, diversa, colorida, singular, única. E se o processo formativo também faz parte dessas trajetórias e

caminhos percorridos, é necessário se refletir como ele acontece, como encara os sujeitos que por ele passam, que marcas pretende deixar. Já que o professor é esse ser repleto de vida, história e subjetividade, os processos formativos não podem ser formação, colocar em uma forma como se existisse o modelo, o perfil correto e ideal, mas transformação, onde aquilo com que entro em contato tem potencial para me transformar, tocar, buscando ressignificações em minha identidade.

Nesse movimento que os professores entrevistados tiveram de entrarem dentro de si e trazerem à margem suas histórias de vida, não como meras recordações, mas com o objetivo de dar um sentido para aquilo que foi vivido, entendemos que fazer memória do vivido não é apenas rememorar, mas buscar enxergar o passado com um novo olhar de reconstrução. Dessa forma, tais acontecimentos são narrados não simplesmente da forma como aconteceram, mas da maneira pela qual eles foram experimentados e construídos, o que implica que será algo reinterpretado, ressignificado no momento é que é trago à tona. Isso se explica pelo fato de que o sentido de tais acontecimentos relatados, não estão no status de serem relatos historiográficos, mas, precisamente nos significados descobertos através da autorreflexão das situações vividas.

Através desse olhar que contempla e abarca a subjetividade do ser docente, que lhe consegue ver inserido em sua própria história, se torna perceptível que o território que permeia a professoralidade deve abarcar toda integralidade do profissional da docência, tudo aquilo que o constitui enquanto sujeito, humano e trabalhador. Não trazer à tona essa visão é dicotomizar a docência, privilegiando apenas os aspectos profissionais/intelectuais, onde o professor tem sua identidade restrita ao campo de trabalho, tem sua vida reduzida a algo fora da escola. Esperamos então que esse trabalho consiga dar uma contribuição a partir das vozes aqui mostradas, vozes repletas de memória e afetos, nos mostrando a importância dos trajetos e caminhos percorridos, a forma como foram trilhados, e os significados dados a eles para a escolha da docência como profissão para a vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. N. L. **Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende**: significados da docência em educação infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização. In: Reunião Anual da Anped, 29., 2006, Caxambu. Anais... Rio de Janeiro: Anped, 2006. p.1-17.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. 516 p.

BENISTE, J.. **Dicionário yorubá/português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOLZAN, D. P. V.; POWACZUK, A. C. H. Docência universitária: a construção da professoralidade. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 2, n.1, p. 160-173, 2017.

BOSI, E.. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BOSI, E.. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

CARREÑO, L. S. M.; et al. **A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA – RELATOS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**. In: MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 9, Rio Grande, RS, 2010. Disponível em: <https://propesp.furg.br/anaismpu/cd2010/pos/522.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2022.

EVARISTO, C.. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016

FAVRET-SAADA, J.. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris, Ed. Gallimard, 1997

FERRAROTI, F.. **Histoire et Histoires de Vie**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDIM, J. R., et al. O PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM PESQUISA: UMA NOVA ABORDAGEM. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, Rio Grande do Sul, RS; 49(4): 372-4, 2003.

GONÇALVES, J. A. M.. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Lisboa: Porto Editora, 1999, p. 141-169.

ISAIA, S.. **O professor do Ensino Superior: no entrelaçamento da trajetória pessoal com a profissional**. In Seminário Internacional: Pessoa Adulta, Saúde e Educação. PUCRS, Porto Alegre, 2005.

JOSSO, M. C.. **Experiência de vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004

LARROSA, J. B.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, pp. 20-28, 2002. Acesso em: 28 nov. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>

MARQUES, M. O.. **A formação do profissional da educação**. 5ª Ed. Ijuí/RS: Ed. Unijuí, 2006.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, M. L. M.; et al.. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 12 (2), São João del Rei, maio-agosto de 2017.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

SACKS, O.. **Quando as lembranças nos pregam peças**. Ilustríssima. Folha de S. Paulo, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/05/1284622-quando-as-lembrancas-nos-pregam-pecas.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022

SILVA, A. P.; et al.. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, Vol. I, n.º 1, p. 25-35, 2007.

VAZ FILHO, C. R.. **A escolha pela docência como profissão e as dimensões da carreira do professor universitário: um estudo com professores de uma Universidade Federal no interior de Minas Gerais**. 2019. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.